

BÉDARIDA, François (org.). *L'Histoire et le métier d'historien en France 1945-1995*. Paris, Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1995.

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (org.). *Passés Recomposés. Champs et chantiers de l'histoire*. Paris, Éditions Autrement, 1995. (Série Mutations n. 150/151).

Os historiadores franceses estão inquietos. A palavra "crise" começa a se tornar comum nos debates acadêmicos. O otimismo gerado pelo triunfo da *Nouvelle Histoire* nas últimas décadas convive, na atualidade, com preocupações que exigem um exame de consciência capaz de dar conta de questões até então negligenciadas, como o estatuto da história no mundo contemporâneo. Reunir grandes nomes, fazê-los discorrer sobre suas especialidades com pinceladas de auto-crítica e convidar estrangeiros interessados em testemunhar a favor de uma historiografia comprometida com a sacralização de valores insustentáveis foi a estratégia encontrada para demonstrar que a "crise" existe, mas é contornável.

*L'Histoire et le métier d'historien en France 1945-1995*, obra lançada durante o XVIIIº Congrès International des Sciences Historiques, realizado em Montreal, no ano de 1995, contou com a colaboração de 39 historiadores, seis deles estrangeiros. Trata-se, segundo François Bédarida, atual diretor do CNRS, de um trabalho coletivo concebido com o objetivo de ser utilizado como "guia de reflexão" sobre meio século de historiografia francesa. O que nos oferece esse "guia"? Sem dúvida, mais interpretações do que explicações sobre "a crise", pois o que prevalece, no

conjunto dos textos publicados, é a tentativa de disseminar a idéia de que sinais de vitalidade não faltam. E o que é mais significativo: a ausência de Hervé Coutau-Begarie (*Le Phénomène Nouvelle Histoire. Stratégie et idéologie des nouveaux historiens*. Paris, Economica, 1983) e de François Dosse (*L'histoire en miettes. Des Annales à la Nouvelle Histoire*. Paris, Éditions La Découverte, 1987), que muito teriam a dizer sobre o assunto.

Nem mesmo Roger Chartier, o teórico do grupo de colaboradores, consegue, em seu artigo "Philosophie et histoire: un dialogue", discutir "a crise" com objetividade embora demonstre que está no caminho certo. Assim, quando insiste na necessidade de um debate sobre questões epistemológicas que se colocam entre a prática e a reflexão filosófica, acaba dando uma grande contribuição à historiografia contemporânea, na medida em que deixa claro que é possível continuar defendendo seus compatriotas desde que haja uma abertura coletiva para a inovação, a qual, segundo Peter Burke, um dos testemunhos estrangeiros convidados, jamais foi monopólio francês. Uma afirmação óbvia que parece ter encontrado, enfim, alguma receptividade.

Mas Chartier é quase uma exceção. Bédarida, por exemplo, está mais preocupado em refutar Hayden White do que em buscar saídas para a “crise”. Tanto no posfácio de *L’histoire et le métier d’historien en France 1945-1995*, como no artigo “Les responsabilités de l’historien expert”, que integra a coletânea *Passés Recomposés*, investe contra os “falsificadores da história”, tentando desviar a atenção para questões teóricas seculares, como a busca da verdade histórica. Para seus leitores recomenda “guias seguros” como Aron, Marrou, Veyne e Ricoeur, insinuando que, se a “crise” existe, não é predominantemente estrutural. Uma maneira muito especial de dividir responsabilidades.

Colaboraram em *Passés Recomposés* 24 estudiosos, cujos textos foram distribuídos em cinco tópicos: Questões, Competências, Mutações, Testemunha e Fronteiras. Nesta obra, nota-se também que a “crise” trouxe um grande desconforto aos historiadores franceses que, a duras penas, adquirem a certeza de que não mais podem adotar uma postura refratária às propostas teóricas e metodológicas desenvolvidas, nos anos recentes, por colegas do velho e do novo continente. A presença de autores como Fogel, Koselleck, Kula, Hobsbawm e Thompson, na listagem dos “clássicos” da história publicados ao longo do século XX, é mais um indício de que o isolamento chegou ao fim.

Pierre Vilar foi o escolhido para configurar este novo momento da historiografia francesa. Na entrevista concedida a Jean Boutier, um dos organizadores de *Passés Recomposés*, posiciona-se contra o predomínio, nas universidades, das especializações. Mas o autor de *La Catalogue dans l’Espagne Moderne. Recherches sur les fondements économiques des structures nationales* (Paris, Sevpen, 1962. 3 tomes) não se limita a atacar, sutilmente, os adeptos da chamada “história em migalhas”. Vale a pena acompanhá-lo em suas experientes observações sobre o uso de teorias em nossa disciplina. Quanto às indicações bibliográficas, que passam por Simiand e Durkheim, há pouco o que comentar, pois Pierre Vilar não acredita em “guias seguros”. O que lhe importa é continuar defendendo uma história global, onde o contato com as demais ciências humanas seja uma constante.

Esse conceituado historiador marxista, entretanto, não fala em “crise”. Para ele a história, como qualquer outra disciplina científica, deve estar aberta a questionamentos, cabendo ao historiador a tarefa de abraçar um combate invencível e sem tréguas. Não foi, pois, aleatória sua escolha para integrar, um instrumento de luta destinado a comprovar que a “escola histórica francesa” optou pelo diálogo além de suas fronteiras. Quem viver, verá...

Nanci Leonzo

Departamento de História - FFLCH/USP